



GISELLE TOLEDO DA SILVA
LUCIANA RISSO

“CONTA OUTRA VEZ!”:
LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Londrina
2012

GISELLE TOLEDO DA SILVA
LUCIANA RISSO

“CONTA OUTRA VEZ!”:
LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais: Perspectivas Contemporâneas, do Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Anilde Tombolato Tavares da Silva

Londrina
2012

DEDICATÓRIA

Dedicamos esta monografia aos nossos familiares e amigos que de muitas formas nos incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização deste trabalho.

AGRADECIMENTO

Agradecemos a nossa orientadora Prof^a Dr^a Anilde Tombolato Tavares da Silva, pelo empenho, paciência e contribuição no desenvolvimento de todo esse trabalho.

“Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”.

Mario Quintana.

SILVA, Giselle Toledo da; RISSO, Luciana. **“Conta outra vez!”**: literatura infantil na escola. 2012. 36 f. Monografia (Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais) - Centro Universitário Filadélfia - UNIFIL, Londrina.

RESUMO

A Literatura infantil tem papel fundamental na formação e desenvolvimento da criança, pois, proporciona a ela oportunidades de desenvolver a imaginação de forma significativa, ao mesmo tempo em que oferece a compreensão da realidade, mas para que para isso aconteça é necessário que desde os primeiros anos de vida a criança seja levada a ter contato com a leitura, visto que ouvir histórias já é uma forma de realizá-la. No entanto, muitas crianças só têm acesso ao mundo da leitura através de seus professores, assim quando esse contato não é estimulado em casa cabe a eles proporcionarem essa oportunidade em sala de aula. Esta pesquisa de cunho bibliográfico teve como objetivo expressar as reflexões sobre a importância da literatura infantil para crianças de 4 e 5 anos, fase de transição da educação infantil para o ensino fundamental. O trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo apresentado no primeiro capítulo um breve histórico do surgimento da literatura infantil e sua chegada ao Brasil. No segundo capítulo há a caracterização do desenvolvimento da criança de 4 e 5 anos, o tipo de livro indicado para essa faixa etária e a importância do contato da criança desde cedo com o livro. O terceiro capítulo apresenta a concepção defendida pelo Referencial Curricular Nacional (RCNEI) sobre o incentivo a leitura. Finalizando a pesquisa, o quarto capítulo esboça a relação da literatura infantil e escola, onde se conclui que a leitura vista como um recurso prazeroso e não obrigatório, ainda é um grande desafio para a escola, que por sua vez precisa assumir o papel de formadora de leitores críticos e autônomos, a fim de abrir as portas do mundo através da leitura.

Palavras-chave: Criança. Escola. Literatura infantil.

SILVA, Giselle Toledo da; RISSO, Luciana. “**Read again!**”: Children’s literature in school. 2012. 36 f. Monograph (Specialization in Early Childhood Education and Early Years) - Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL, Londrina.

ABSTRACT

The children's literature is important in the training and child development, because it provides the opportunity to develop the imagination significantly, provides an understanding of reality, but to happen is necessary since the first years of life the child it has contact with reading, and listening to stories is one way to read. However, many children only have access to reading through their teachers, so when that contact is not encouraged at home it is for teachers provide this opportunity during class. This literature review aimed to express thoughts on the importance of children's literature for children 4 and 5 years, a period of transition from preschool to elementary school. The work is divided into four chapters, the first chapter presented a brief history of how it came to children's literature and its arrival in Brazil. In the second chapter there are characteristics of child development, 4 and 5 years, given the sort of book for this age group and the importance of contact between the child very early in the book. The third chapter presents the concept advocated by the Referencial Curricular Nacional (RCNEI) on encouraging reading. Completing the survey, the fourth chapter shows the relationship of children's literature and school, which concludes that reading pleasure viewed as a resource and not mandatory, it is still a major challenge for the school, which in turn must assume the role of trainer of critical readers and autonomous in order to open the doors of the world through reading.

Keywords: Children. School. Children's literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL	9
1.2 HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL	12
2 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 04 A 05 ANOS	17
2.1 A LEITURA E A IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS SEGUNDO ABRAMOVICH E SILVA.....	18
2.2 A LITERATURA E OS ESTÁGIOS PSICOLÓGICOS DA CRIANÇA	20
3 REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL E A LEITURA	21
4 A ESCOLA E A LITERATURA INFANTIL	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Qual seria afinal, a finalidade da literatura infantil na escola? Alfabetizar? Letrar? Diversão? Arte? Em que contexto estamos inseridos quando falamos de Literatura? Muitas são as facetas que hoje a Literatura encontra enquanto presente na escola, se observarmos a evolução da Literatura no Brasil vemos que por longos anos, questões relacionadas a esse tema vêm sendo discutidas e mais ainda, vem sofrendo alterações.

Durante certo tempo, a Literatura era apenas para alguns. Aqueles de famílias mais ricas que tinham acesso aos livros. Porém com a evolução e o desenvolvimento tecnológico da sociedade, a literatura ao contrário do que se previa, não deixou de fazer parte da rotina mais ativa de grande parte da população.

A literatura é ainda hoje uma questão conflitante nas escolas que merece uma análise crítica mais cuidadosa. Por esse motivo, o presente trabalho, se propõe discutir qual é a posição da Literatura Infantil na escola brasileira. Buscamos compreendê-la através de um breve histórico, situando assim toda a evolução e dificuldades que ela enfrentou para tentar tornar-se mais acessível a todos.

Desta forma, queremos compreender a atual situação das escolas, no que diz respeito ao desenvolvimento de ações que possam difundir o prazer pela Literatura infantil contando com a contribuição das ideias de autores como Regina Zilberman (1985), Nelly Novaes Coelho (2000), Fanny Abramovich (1995), entre outros, que defendem o despertar o gosto pela leitura desde muito pequenos através do seu uso pedagógico e artístico. No primeiro capítulo, “origem da literatura e história da literatura”, faremos um breve relato das origens da Literatura numa visão que retrata essa origem como algo que vem a somar com o conceito de infância nos séculos XVII e XVIII, onde a linguagem da literatura foi voltada mais a criança, incluindo-se nessa leitura as Fábulas de La Fontaine, os Contos do francês Charles Perrault entre outros autores. Ainda no primeiro capítulo, será relatado como a Literatura chega ao Brasil e tem seu destaque nas obras de Coelho Neto, Olavo Bilac e Monteiro Lobato, sendo que o desenvolvimento da Literatura Infantil é algo recente no país.

Para conceitualizar a literatura e sua importância, no capítulo 2: o desenvolvimento da criança de 04 a 05 anos, “a leitura e a importância das crianças segundo Abramovich (1995) e Silva (2009) e a literatura e os estágios psicológicos da criança”, discutiremos sobre o desenvolvimento da criança, em especial da criança de 4 e 5 anos, segundo Jean Piaget (1999) e completando, as autoras Abramovich (1995) e Silva (2009) ao contato da criança com a literatura e a importância desse fato para a criança.

A seguir, o capítulo 3, “referencial curricular nacional e a leitura” vem abordar as considerações sobre Literatura do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vale salientar que dentre os eixos a serem trabalhados na Educação Infantil a Linguagem oral e escrita tem grande importância e é neste contexto que a literatura está inserida.

No último capítulo: “a escola e a literatura infantil”, poderemos perceber a relação da literatura infantil com a escola. Neste capítulo será possível identificar elementos que se tornam imprescindíveis para o reconhecimento e consequentemente seu uso produtivo dentro do espaço escolar.

Este trabalho nos proporcionou a oportunidade de concluir que apesar de ser um tema bastante discutido, ainda temos muito a comentar, pois se trata de algo presente no cotidiano de todas as pessoas, mas principalmente do cotidiano das escolas. Dessa forma, a literatura que está nas escolas para crianças de 04 a 05 anos torna-se instrumento ativo de transformação de realidade e de comportamento, assim colocaremos algumas ideias de como utilizar de forma eficiente e agradável a Literatura dentro das salas de aulas, com base em experiências já vivenciadas.

1.1 ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL

O conceito de infância que se tem hoje, século XXI, nem sempre foi o mesmo, já que ao longo da história a ideia de infância e a figura da criança passaram por várias interpretações, através de uma evolução cultural, social e histórica.

Segundo Áries (1981, p. 17), a arte mostra que na idade média, se desconhecia a infância e a criança era vista como um adulto em miniatura

acompanhando a vida social dos adultos, sendo diferenciada muitas vezes apenas pelo seu tamanho e não pela sua idade. “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou a falta de habilidade.” Sem diferenciações de idade não havia, portanto, quase nunca livros voltados especialmente para as crianças. Sobre a datação do surgimento da infância Batista e Moreno (2005, p. 8), apontam a seguinte afirmativa:

Nos séculos XVII e XVIII, movimentos culturais e religiosos, como o Iluminismo e Protestantismo, deram lugar ao descobrimento da infância, considerando-a como etapa diferente da idade adulta e tratada diferencialmente. À medida em que concepções fatalistas e predeterministas da vida foram desaparecendo as pessoas sentiam-se mais protagonistas da própria existência e passaram a atribuir um papel importante a educação das crianças.

Com o surgimento do sentimento de infância, a Literatura popular, começa a dar lugar a uma leitura apropriada também para as crianças, como “[...] as *Fábulas* e *La Fontaine*, editadas entre 1668 e 1694 [...] os *Contos da Mamãe Gansa* que Charles Perrault publicou em 1697 [...]” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 15), porém mesmo podendo ser caracterizada como leitura para os pequenos essas obras foram escritas em um período em que inexistia o gênero “literatura infantil”. Sobre a transformação da literatura popular em uma literatura para a infância, Cademartori (1987, p. 33) faz a seguinte afirmativa “No século XVII, o francês Charles Perrault (*Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*) coleta contos e lendas da idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas.”

Através de suas adaptações de contos folclóricos e lendas, destinados até então aos adultos, Perrault responsável pelo primeiro surto da Literatura infantil, Lajolo e Zilberman (2003), constitui um novo gênero literário, com direcionamento também as criança. Convertendo uma produção popular e de circulação oral em leitura infantil, com adaptação pedagógica, e relatos moralizantes:

O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. Além dos propósitos moralizantes, que não tem a ver com a camada popular que gerou seus contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses. (CADEMARTORI, 1987, p. 36).

A Literatura infantil, portanto, começa a apresentar-se, segundo Cunha (1990), a partir do momento em que os ideais burgueses atingiram seu auge no século XVIII, ideais de uma classe social que se consolidou causando mudanças na sociedade, como o modelo familiar burguês e a reorganização da escola.

Assim de acordo com Lajolo e Zilberman (2003) com a ascensão da família burguesa, o novo estereótipo familiar centrado no pai, mãe e filhos, a criança passa a ter um papel diferente na sociedade, destacando preocupações com a educação. A escola por sua vez torna-se imprescindível na vida social, com o papel de socializar a crianças para o enfrentamento do mundo. Lajolo e Zilbermam (2003, p. 17) afirmam ainda que “Tendo sido facultativa e mesmo dispensável até o século XVIII, a escolarização converte-se aos poucos na atividade compulsória da criança bem como a freqüência às salas de aula, seu destino natural”.

A Literatura Infantil, portanto passou a ganhar mais atenção, quando a criança e conseqüentemente a escola começaram a dar seus primeiros passos, e conquistaram sua importância e espaço na sociedade:

[...] Nos rastros dessa descoberta da criança surge a preocupação com a literatura que lhe serviria para leitura, isto é, para sua informação sobre os mais diferentes conhecimentos e para formação de sua mente e personalidade. (segundo os objetivos pedagógicos do momento). (COELHO, 1991, p. 139).

Mais tarde no século XIX, outros autores ampliam esse novo gênero, conto de fadas, partindo da mesma base: a coleta de contos populares e do folclore. Destacam-se os irmãos Grimm em João e Maria Rapunzel e Hans Christian Andersen em o Patinho Feio.

Autores todos da metade do século XIX são eles que confirmam a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista. Dão-lhe consistência e um perfil definido, garantido sua continuidade e atração. (LAJOLO; ZILBERMAM, 2003, p. 21).

A tradição popular e o material folclórico foram essenciais para o surgimento Literatura Infantil na Europa. No entanto, no Brasil a introdução da Literatura direcionada para as crianças ocorreu de maneira diferente, pois teve como base, o sólido acervo já formando de livros europeus, que se multiplicou entre os brasileiros através de obras de caráter pedagógicos normalmente traduzidos e adaptados, seguidos da nova visão de leitura como o: patriotismo. Todavia são autores citados

nesse capítulo, como: Perrault, os Grimm, e Andersen, fundamentais na gênese da Literatura Infantil, que proporcionam e apresentam às crianças brasileiras, o surgimento de uma leitura também voltada a elas.

1.2 HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Já no início do século XVII, a Literatura infantil estava presente na vida das crianças européias com a publicação dos célebres “Contos da Mamãe Gansa” de Charles Perrault. No Brasil, a Literatura infantil só chegou ao século XIX de maneira bem isolada ou como diz Lajolo e Zilbermam (2003, p. 23) “registrada daqui e ali, a notícia do aparecimento de um ou de outra obra destinada a crianças.”

A Literatura Brasileira direcionada para a infância começou a vigorar em meados da proclamação da República (1822). Sobre esse momento de desenvolvimento do país, Coelho (1991), faz a seguinte afirmação “Foi durante a primeira metade do século XIX, que o Brasil iniciou sua caminhada para o progresso econômico, independência política e conquista de cultura que o colocaria entre as nações civilizadas do Ocidente”. (COELHO, 1991, p. 203). Período esse em que o país passou a caminhar rumo ao processo de modernização, onde o novo modelo social que começa a se impor volta-se cada vez mais ao consumo de novos produtos culturais visando a transformação de uma sociedade rural em urbana. “Decorrente dessa acelerada urbanização [...] o momento se torna propício para a literatura infantil.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 25).

Os primeiros livros de leitura para crianças, no entanto, eram traduções de livros estrangeiros, porém não se tratava de uma produção regular, nesse contexto, Cunha (1999, p. 23) nos diz que: “No Brasil como não podia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”. Essas obras muitas vezes mantinham grandes diferenças com a realidade das crianças brasileiras, por serem escritos em português muito distante do código lingüístico dos leitores brasileiros.

Em decorrência da consolidação de um Brasil Moderno, a informação adquirida por meio da leitura passa a ter grande importância na sociedade brasileira, enfatizando o papel da escola nessa busca de modernização do país. “Sabe-se, porém que a educação era dos problemas que mais preocupavam os mentores do

nosso desenvolvimento” (COELHO, 1991, p. 204). Inicia-se então a produção de livros infantis com direcionamento as escolas, “[...] visando a formação das novas gerações brasileiras”, vinculando-se a leitura às práticas escolares. (COELHO, 1991, p. 205).

Para Arroyo (1968, p.120):

As observações em torno dos primórdios do aparecimento da literatura infantil no Brasil indicam que o gênero do ponto de vista histórico baseou-se na literatura de leitura escolar. Isto é, naqueles livros, numerosos simplesmente destinados a fornecer leitura aos meninos nas escolas. Não se refere, nesse particular, às obras destinadas a infância de outros países para cá vindo através de traduções, pois estes tanto serviam para adultos como para crianças.

Arroyo (1968, p. 163) afirma ainda que “A Literatura escolar começa a refletir, em fins do século XIX e começo do século XX [...]”.

Nessa fase inicial da literatura infantil brasileira surge, portanto a necessidade de traduzir em linguagem brasileira as obras européias, ou seja, os contos infantis, para isso surgem pretendentes brasileiros a escritores para a infância, como Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel traduzindo os “clássicos”, assim considerados:

Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que encarregam, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeira para crianças. Graças a eles circulam no Brasil, *Contos seletos das mil e uma noites (1882)*, *Robinson Crusóé (1885)*, *Viagens de Gulliver (1888)* [...] todos vertidos para a língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados nos *Contos da Carochinha (1894)* nas histórias da avozinha (1896) e nas *Histórias da baratinha (1896)* assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 29).

Além desses escritores, pode-se destacar nesse período: Coelho Neto e Olavo Bilac em Contos Pátrios que segundo Arroyo (1968, p. 190) “Os contos Pátrios obedecem ao sistema de leitura característica da fase de literatura escolar, mas já são apresentados com um estilo que nada tem de didático, propositalmente educativo”. Olavo Bilac e Manuel Bonfim (1910), na obra “Através do Brasil”, uma das mais utilizadas na literatura escolar brasileira da época, e Tales de Andrade com a novela “Saudade” (1919), sobre essa última Coelho (1991) afirma que, “Tales de Andrade redescobre em *Saudade* os ingredientes que daí em diante iria marcar não apenas os livros de leitura escolar, mas praticamente toda a nossa literatura infantil.” (COELHO, 1991, p. 222).

Sobre os livros que contribuíram para a origem e desenvolvimento da Literatura infantil brasileira, Arroyo (1968) vai nos dizer que os grandes livros da literatura escolar brasileira que se destacaram foram: *Através do Brasil*, de Manuel Bonfim e Olavo Bilac; *Saudade* de Tales de Andrade, e *Nariz Arrebitado* de Monteiro Lobato. No entanto entre os autores de maior ênfase na literatura infantil brasileira com a criação de livros para os pequenos, pode-se destacar de maneira especial e marcante, José Bento Renato Monteiro Lobato. Não obstante é considerado por Cunha (1999, p. 24) o pioneiro nesta área, afirmando que é “Com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira.”

Também para Coelho (1991) Monteiro Lobato e suas obras são de suma importância para o desenvolvimento da Literatura infantil no país, enfatizando de maneira especial o livro: *Narizinho Arrebitado, Segundo Livro de Leitura para Uso das Escolas Primárias*, lançado em 1921 onde aponta que “Sem que ninguém suspeitasse que com ele estava sendo criada a Literatura Infantil Brasileira.” (COELHO, 1991, p. 222).

Segundo Arroyo (1968) *Narizinho Arrebitado* apesar de aparecer como “Segundo livro de leitura para uso das Escolas Primárias” surge com um conteúdo vastamente lúdico, e não mais didático. Afirma ainda que:

Embora estreando na literatura escolar com *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato trazia já com seu primeiro livro as bases da verdadeira literatura infantil brasileira: o apelo *À Imaginação* em harmonia com o complexo ecológico nacional: a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e lingüísticos que renova inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. “Fase essa expressa, geralmente, num português já de si divorciado do que se falava no Brasil.” (ARROYO, 1968, p. 202)

A Menina do *Narizinho Arrebitado* é, portanto a versão inicial de *Reinações de Narizinho* que foi o primeiro da coleção que constituem o *Sítio do Pica Pau Amarelo*, obra que apresenta na sequência outros personagens que vivem no sítio como, Dona Benta e Tia Anastácia, figura adultas que orientam crianças (Pedrinho e Narizinho), seres mágicos (Emília e Visconde de Sabugosa) e animais falantes como Quindim e Rabicó. Personagens que integram o mundo ficcional proposto pelo autor, unindo o real e o maravilhoso:

As aventuras do Sítio do Pica Pau Amarelo se multiplicam e adquirem o *status* de marco inaugurador de uma nova literatura para crianças. São textos que atiça a imaginação, que instigam o leitor a pensar, a criticar, a tirar conclusões sobre o mundo à sua volta. (SILVA, 2009, p. 102).

Além de um escritor de suma importância para o desenvolvimento da literatura Infantil brasileira, Lobato foi também adaptador e tradutor. Sobre suas traduções Coelho (1991, p. 231) diz que: “O trabalho de Lobato como tradutor foi extremamente fecundo: através dele obras importantes tornaram-se acessíveis aos leitores brasileiros”. Referente às adaptações, Lajolo e Zilberman (2003, p. 69) fazem a seguinte observação: “A opção, nesses casos, foi pela simplificação do enredo original, como faz em *Alice no país das maravilhas* e *Alice no país dos espelhos* ambas, de Lewis Carroll”.

A literatura infantil no Brasil pode ser, portanto considerada algo recente, desenvolvendo-se como já dito anteriormente, em meados do século XIX, mas é na primeira metade do século XX, com Monteiro Lobato que ocorre a renovação dessa literatura, tornando a leitura algo prazeroso para a criança, podendo-se ler dentro ou fora da escola.

A grande revolução operada por Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira decorre de sua postura inovadora, da relação de respeito que tinha com seu jovem leitor. Ele constata ainda aquilo que os demais autores ainda não tinham percebido: a criança é um ser inteligente e capaz de juízos críticos. Deste olhar sobre o leitor partem as inovações propostas por Lobato e que inauguram uma nova trilha nos caminhos da produção literária orientada para criança e o jovem (SILVA, 2009, p. 104).

Assim, pode-se dizer, que a renovação da literatura infantil brasileira, iniciada por Monteiro Lobato, gerou frutos, pois, os melhores escritores de hoje cresceram, em sua maioria, lendo suas obras, aperfeiçoando e renovando o novo caminho da literatura infantil no Brasil, como por exemplo:

Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, vozes pioneiras e premiadas da Literatura Infantil contemporânea que se lançaram no mercado nos anos 70. Como Lobato, muitos dos novos escritores têm respeito para com os jovens leitores, apostam na sua inteligência, acreditam que vale a pena estimulá-los a pensar, a discutir, a ver a realidade com um olhar crítico. (SILVA, 2009, p. 106).

Nos últimos anos, em particular na década de 70, as valorizações do autor nacional e dos títulos brasileiros foram se fortalecendo e o país pode contar com um aumento na quantidade e qualidade, tanto dos autores como o de suas obras.

Contudo, toda essa evolução da literatura infantil brasileira ocorreu, como mencionado no início, através da modernização do país, transformação que favoreceu diretamente esse novo gênero, já que a indústria de livros se solidificou e a escola se expandiu, fortalecendo a ligação entre literatura e ensino, um laço que se faz presente ainda nos dias de hoje.

2 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 04 A 05 ANOS

Para estudarmos o desenvolvimento da criança de 4 e 5 anos, faz-se necessário caracterizar a fase em que criança encontra-se nesse período. Dessa forma tomamos como suporte os estudos do teórico Jean Piaget, onde segundo sua teoria, o desenvolvimento da inteligência das crianças pode ser estudado.

A teoria piagetiana, portanto, apresenta o desenvolvimento da inteligência de uma criança em quatro estágios. Esse desenvolvimento é uma das condições essenciais para aprendizagem de propostas como: a literatura.

Segundo Faria (1998), Piaget considera que o desenvolvimento mental é marcado por uma série de períodos ou estágios, onde os quatro principais são:

- Período sensório - motor (0 a 2 anos);
- Período pré - operacional concreto ou simbólico (2 anos aos 7 anos);
- Período operacional concreto (7 aos 12 anos);
- Período operacional formal (dos 12 aos 16 anos).

Segundo Piaget (1999), o desenvolvimento do indivíduo inicia-se quando nasce e termina na idade adulta. Desse modo a construção da inteligência dá-se em etapas contínuas. “O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior”. (PIAGET, 1999, p. 13).

Os estágios seguem faixas etárias mais ou menos especificadas, assim a criança de 4 a 5 anos, de acordo com o estudo de Jean Piaget está no estágio pré operacional. Essa fase é caracterizada pelo aparecimento da linguagem e o rápido desenvolvimento da mesma, e com isso as condutas são modificadas no aspecto afetivo e intelectual. Na teoria de Piaget (1999, p. 24), “a criança torna-se graças à linguagem, capaz de reconstituir suas ações passadas sob forma de narrativas, e de antecipar suas ações futuras pela representação verbal”.

De acordo com Piaget, do ponto de vista afetivo nesse período, ocorre uma série de modificações paralelas, “desenvolvimento de sentimentos e de uma

afetividade inferior organizando-se de maneira mais estável do que no curso dos primeiros estágios”. (PIAGET, 1999, p. 24).

A criança nesse estágio é egocêntrica, sua visão de mundo está focada nela mesma:

O indivíduo, no seu espírito egocêntrico, assimila tudo a si e ao seu ponto de vista próprio. Ele não toma consciência clara do pensamento e não tem sentimento do eu como algo separado do outro. Portanto, o pensamento e a linguagem estão centrados no eu, mais a serviço das suas necessidades subjetivas e afetivas, do que da verdade. (PIAGET, 1999 apud FARIA, 1998, p. 42).

Esse estágio é também caracterizado pelo jogo simbólico e é, portanto, a fase simbólica. Piaget (1999, p. 28) cita como exemplo a brincadeira de imaginação e imitação, a brincadeira de boneca. “Sua função consiste em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos”.

Na perspectiva de Jean Piaget (1999), dos 2 aos 7 anos a criança representa o seu mundo pelo símbolo, o que serve para recordar a realidade, nesse sentido a atividade lúdica adquire caráter simbólico.

Assim sendo, como forma de desenvolver a inteligência e aguçar a imaginação, transformando realidade em faz de conta, devemos valorizar a leitura como fonte de prazer às nossas crianças. As crianças, desde bem pequenas, devem ser estimuladas a participar de situações em que os adultos lêem, bem como participar de situações em que ela própria o faça, mesmo que não seja de maneira convencional.

2.1 A LEITURA E A IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS SEGUNDO

FANNY ABRAMOVICH E BETTY COELHO.

Ouvir histórias faz parte da vida da criança desde muito pequena, pois é normalmente em casa que a criança tem o primeiro contato com o texto oral em histórias contadas pela família. Segundo Fanny Abramovich (1995), o primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, tendo como narrador uma voz familiar.

De acordo com Abramovich (1995, p. 17), as histórias trabalham emoções presentes na infância como a alegria, medo, tristeza, tranqüilidade e muitas outras, “Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!”.

É ATRAVÉS DUMA HISTÓRIA QUE SE PODEM DESCOBRIR OUTROS LUGARES, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 1995, p. 17, grifo do autor).

O ouvir histórias, inicia-se ainda quando bebê, porém também é importante contar histórias para as crianças que já sabem ler, bem como aquelas que estão aprendendo, pois segundo Abramovich (1995), ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o pensar, o imaginar, o brincar e o querer ouvir outra história ou a mesma outra vez.

No entanto quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros, maior será a chance de se tornar um adulto leitor “Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor” (ABRAMOVICH, 1995, p. 16).

Para Betty Coelho (2001) a história é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança, podendo ser classificada por faixa etária e interesse, nessa classificação as crianças de até 3 anos, encontram-se na fase pré-mágica e as de 3 a 6 anos na fase mágica.

Nesse contexto a criança de 4 e 5 anos está na fase mágica, ou seja, iniciando a formação de símbolos, onde segundo Coelho (2001), deve ser bem enfatizada histórias de repetição, acumulativas além de histórias de fadas.

Ainda de acordo com Coelho (2001), nessa fase as crianças costumam pedir a mesma história muitas vezes, ouvindo-a sempre com o mesmo interesse, destacando-se como a fase do “conte de novo”, “conta outra vez”. Coelho (2001), afirma que com a evolução da linguagem, a criança passa a solicitar histórias com enredos mais longos, interessando-se cada vez mais pela leitura de histórias e a familiarizar-se com a escrita.

2.2 A LITERATURA E OS ESTÁGIOS PSICOLÓGICOS DA CRIANÇA.

De acordo com Coelho (2000), a escolha de textos para as crianças está diretamente ligada às diversas etapas do desenvolvimento infantil, ou seja, devem ser respeitados os estágios psicológicos de cada criança. Para Coelho (2000), essas etapas não dependem apenas de sua idade, mas de seu nível de amadurecimento biopsíquico – afetivo – intelectual e seu nível de conhecimento e domínio da leitura.

Nesse sentido existem cinco categorias que podem servir de orientadores para as fases do desenvolvimento psicológico da criança, conforme Coelho (2000):

- O pré-leitor (dos 15/17 meses aos 5 anos),
- O leitor iniciante (a partir do 6/7 anos),
- O leitor- em - processo (a partir dos 8/9 anos),
- O leitor Fluente (a partir dos 10/11 anos)
- O leitor crítico (a partir dos 12/13anos).

O pré-leitor é a categoria inicial que abrange duas fases: Primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) e Segunda infância (a partir dos 2/3 anos), porém destacaremos a segunda infância, que focará crianças de 4 a 5 anos, nosso foco de estudo. Esse período é o início da fase egocêntrica e sua adaptação ao meio físico é crescente, além de aumentar seu interesse pela comunicação verbal.

Segundo Coelho (2000), os livros apropriados a essa fase devem apresentar determinadas características estilísticas como: Predomínio absoluto da imagem, com textos brevíssimos, as imagens devem ser significativas para a criança, os desenhos podem ser coloridos ou em preto e branco, em traços nítidos, devem estar presentes também fatores essenciais para o pré-leitor como o Humor e o Mistério, assim como: “A técnica de repetição ou reiteração de elementos é das mais favoráveis para manter a atenção e o interesse de difícil leitor a ser conquistado.” (COELHO, 2000, p. 30).

Assim a leitura além de ser um instrumento de emoção e prazer, poderá propiciar ao pequeno leitor um vasto caminho rumo a uma nova mentalidade, iniciando-se como pré-leitor e avançando através de um desenvolvimento contínuo para a formação de um leitor crítico, com maior capacidade de reflexão.

3 REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL E A LEITURA

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil tem como objetivo auxiliar na realização do trabalho educativo diário junto às crianças, nos CMEI's, creches, pré-escolas e entidades equivalentes. Segundo este documento “A educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica [...] tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança”. (BRASIL, 1998a, p. 11).

Tal documento foi concebido, portanto de maneira a servir como meio de orientação sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam com crianças pequenas.

O Referencial é constituído por eixos de trabalho: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. A Literatura Infantil está inserida dentro do eixo linguagem oral e escrita.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI, esses eixos são guias para a construção de diferentes linguagens pelas crianças e para as ligações com os objetos de conhecimento:

Este documento constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras. (BRASIL, 1998a, p. 13).

Referente à Literatura Infantil, destacamos de forma especial o eixo linguagem oral e escrita, que é considerado de suma importância para as crianças desenvolverem maior participação nas diferentes práticas sociais:

A Linguagem oral está presente no cotidiano e na prática das Instituições de Educação Infantil à medida que todos que dela participam crianças e adultos, falam se comunicam entre si, expressando sentimentos e idéias. As diversas instituições concebem a linguagem e a maneira com as crianças aprendem de modos bastante diferentes. (BRASIL, 1998b, p. 119).

Segundo o, RCNEI, um dos objetivos, da linguagem a serem trabalhados pelas Instituições e profissionais de educação infantil, promovendo capacidades com as crianças de 4 a 5 anos, são:

[...] familiarizar-se com a escrita por meio de manuseio de livros, revistas e outros portadores de textos e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário.

escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor.

[...] escolher os livros para ler e apreciar. (BRASIL, 1998b, p. 131).

O ato de ler é de grande importância para a vida o ser humano, pois é considerado um ato social e cultural. E no ambiente escolar cabe ao professor dar a devida importância para esse ato, realizando com antecedência uma seleção da história que irá contar, trabalhando com dedicação tanto a riqueza do texto quanto o encanto das ilustrações, instigando na criança a curiosidade pelo livro. O professor também deverá organizar um ambiente agradável para a leitura, nesse ambiente a criança deverá manipular e “ler” os livros seja em momentos dirigidos ou espontâneos. Assim, este ato deve ser estimulado e incentivado, constantemente.

Deixar as crianças levarem um livro para casa, para ser lido junto com seus familiares, é um fato que deve ser considerado. As crianças, desde muito pequenas, podem construir uma relação prazerosa com a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando sentido mais amplo para a leitura. (BRASIL, 1998b, p. 135).

Entre os seus diversos pontos positivos, faz-se necessário ressaltar que a leitura provoca de forma especial o conhecimento do mundo:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade da criança. (BRASIL, 1998b, p. 143).

Segundo o RCNEI para favorecer as práticas de leitura é necessário:

- Dispor de um acervo em sala com livros e outros materiais, como histórias em quadrinhos, revistas, enciclopédias, jornais etc., classificados e organizados com a ajuda das crianças;
- Organizar momentos de leitura livre nos quais o professor também leia para si. Para as crianças é fundamental ter o professor como um bom modelo. O professor que lê histórias, que tem boa e prazerosa relação com a leitura e gosta verdadeiramente de ler, tem um papel fundamental: o de modelo para crianças;
- Possibilitar às crianças a escolha de sua leitura e o contato com os livros, de forma que possam manuseá-las, por exemplo, nos momentos de atividades diversificadas;
- Possibilitar regularmente às crianças o empréstimo de livros para levarem para casa. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura em casa, junto com os familiares. (BRASIL, 1998b, p. 144).

A leitura e a contação de histórias, são de grande importância na educação infantil, pois abordam além das questões já apontadas, pontos essenciais como a imaginação, o faz de conta e o prazer pela leitura.

Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (BRASIL, 1998b, p. 143).

O RCNEI, por sua vez, ajuda a enriquecer essa questão (literatura Infantil), fornecendo idéias que possam contribuir para todos aqueles que estejam envolvidos na educação infantil.

4 A ESCOLA E A LITERATURA INFANTIL

A Literatura entra na escola e é uma realidade oficializada pelos documentos que amparam a Educação Infantil. Com ela vários objetivos são atrelados. Um deles é a leitura. O “decifrar” o código escrito, começa desde muito cedo e permanece em todos os anos escolares seguintes. Porém, nota-se que quando o aluno é pequeno e ainda não sabe ler, seu interesse pela leitura é maior, enquanto que ao “decifrar” esse código, ele passa a deixar de lado os livros, achando outros atrativos como a televisão, o videogame, entre outros.

Segundo Baldi (2009, p. 8), os professores pensam na Literatura apenas com um fundo pedagógico, de vocabulário, ortografia, escrita, porém, a mesma autora coloca que: *“é necessário ampliarmos nossa visão para além da competência leitora e escritora e do próprio processo de letramento.”* E ainda, é preciso alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas. Desta forma, como podemos perceber a Literatura vem ao longo do tempo se desenvolvendo e evoluindo em todos os contextos. Observando essa mudança, surge uma questão importante: como a Literatura Infantil tem sido tratada na escola e nos centros de educação infantil? Existe hoje um espaço exclusivo para ela dentro dos planejamentos e das rotinas pedagógicas?

Na maioria das escolas e nos centros de educação infantil, existe biblioteca, algumas vezes pequena, mas que possuem um acervo variado de livros de literatura. As bibliotecas são utilizadas por alunos e também por professores que fazem leitura lá mesmo ou emprestam seus livros para ler em casa ou na sala de aula.

A escola é um espaço de formação da criança, por esse motivo ela deve proporcionar em todos os aspectos o desenvolvimento cultural dessas crianças. A Literatura se faz elemento importante nesse desenvolvimento.

No entanto as atividades relacionadas à Literatura devem “estimular o exercício da mente; a percepção do real, a consciência do eu em relação ao outro e a leitura de mundo” (COELHO, 2000, p. 16). Para tal deve-se observar qual objetivo quer se alcançar.

Ainda de acordo com Coelho (2000, p. 17):

No que diz respeito às atividades com a literatura e a expressão verbal, o espaço-escola deve se diversificar em dois ambientes básicos: o de *estudos programados* (sala de aula, biblioteca pra pesquisa, etc.) e o de *atividades livres* (sala de leitura, recanto de invenções, oficina de palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação, etc.).

Neste sentido a Literatura na escola assume papel distinto dependendo do objetivo a qual ela irá se destinar. Tanto na Educação Infantil como nos Anos Iniciais, o termo Literatura Infantil é utilizado para determinar vários momentos: aquele em que o professor quer ensinar através de uma história, relacionado-a conceitos morais, a Língua Portuguesa, onde essa Literatura Infantil torna-se algo parecido com uma disciplina ou um conteúdo; e aquele momento onde o único objetivo é o de despertar em quem escuta uma história o interesse em navegar por outros mundos através da imaginação, criatividade e emoção e assim formar um leitor.

Entretanto, fazer a distinção entre tais objetivos não é algo muito fácil. Se considerarmos que um dos principais objetivos da escola, na faixa etária aqui discutida, é a formação do leitor e a responsabilidade de iniciar o processo de alfabetização, a Literatura Infantil assume necessariamente os dois papéis, pois de acordo com Saraiva (2001, p. 23):

Embora o processo de alfabetização se dirija à apropriação das operações de um código – a língua escrita, com seus mecanismos de leitura e escrita, complementares entre si– a preparação do leitor efetivo passa pela adoção de um comportamento em que a leitura deixe de ser atividade ocasional para integrar-se à vida do sujeito como necessidade imperiosa, de que decorrem prazer e conhecimento.

Mas ao tentar introduzir e principalmente utilizar a Literatura Infantil a escola se depara com algo agraciado por alguns e negado por outros. Existe diversas posições quanto ao termo Literatura Infantil, que acaba contagiando os autores e

também os professores, o que torna mais difícil ainda se estabelecer um objetivo real para seu uso pedagógico. Alguns autores afirmam que não escrevem seus livros para um determinado público, como o de crianças, e outros já se colocam como escritores de Literatura Infantil. Essa discussão parece até indiferente à proposta do presente trabalho, porém para quem utiliza a Literatura é algo norteador. Por que se entendermos que existe uma Literatura destinada a crianças, teremos na escola uma visão que poderá conciliar os objetivos já descritos acima acerca do uso da literatura nos Centros de Educação Infantil e nos anos Iniciais.

Nos dias de hoje, a escola tem um papel importante além da formação intelectual da criança. Não se pode mais ter uma escola repreensiva, pragmática. Com as novas tecnologias tão presentes no dia a dia dos educandos, a escola não pode ficar alienada a uma educação restrita. No sentido de proporcionar a criança um mundo escolar prazeroso a literatura tem papel relevante. (CUNHA, 1999). E ainda assim temos poucos leitores ativos dentro e fora da escola.

Outro aspecto a ser considerado é o papel do professor ao adentrar em suas aulas a literatura infantil. Como pode um professor que não tem hábito de ler transmitir afeição pela leitura aos seus alunos? Já é sabido que as crianças, desde muito pequenas imitam características dos adultos. Se um professor desde o maternal não trata um livro com o cuidado que ele merece, não conhece a história a ser contada e improvisa ao lê-la, como pode despertar em seu aluno o prazer que a leitura proporciona? Certamente esse aluno passará por toda educação infantil e chegará aos anos iniciais sem dar o devido valor a essa arte.

Se a intenção do professor é proporcionar uma forma diferente de aquisição de conhecimentos, a literatura pode-se tornar algo agradável para ambas as partes. Ganhar gosto pela leitura formando um leitor irá também necessariamente ajudar na questão pedagógica da aprendizagem.

De acordo com Coelho (2000, p. 46) podemos dizer que a literatura infantil

Como objeto que provoca emoções, dá prazer e diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia.

É importante considerar que em alguns momentos esses dois aspectos estão presentes na ação da literatura. Talvez um com mais intensidade que o outro, pois a literatura infantil abrange mais que livros, abrange também outros portadores textuais como contos de fadas, lendas, fábulas, romances, histórias do cotidiano entres outros. (COELHO, 2000).

Na escola existe a intencionalidade do professor. Esta intencionalidade é determinada pelo momento pelo qual passam escola e comunidade escolar. Se a escola acredita ser necessária a exploração de um tema específico sem que se fale tão abertamente sobre ele, provavelmente irá tentar encontrar na literatura um texto que fará com que o tema seja discutido de uma forma mais criativa. Neste caso existe a intencionalidade da educação. Já o professor que escolhe um livro, por seu texto criativo ou divertido, existe a intenção de tornar o momento de leitura em algo descompromissado e de distração da realidade.

Porém fazer essa distinção entre o objetivo artístico e o objetivo pedagógico não é simples. De acordo com SARAIVA (2001), a partir da década de 80 a produção literária aumentou muito no Brasil, várias publicações, republicações e adaptações foram feitas, o que tornou a comunidade escolar mais acessível aos textos literários, porém, existem nessa expansão muito mais interesses *mercantilistas* do que uma qualidade. Coelho (2000) ainda diz que os textos literários vistos dessa forma tornam-se fragmentados e sem sentido, ou ainda carregados de informações despidas de fantasia e imaginação. Dessa forma a Literatura entra na escola, e com ela vários objetivos são atrelados. Um deles é a leitura. O “decifrar” o código escrito, começa desde muito cedo e permanece em todos os anos escolares seguintes. Porém, nota-se que quando o aluno é pequeno e ainda não sabe ler, seu interesse pela leitura é maior, enquanto que ao “decifrar” esse código ele passa a deixar de lado os livros, achando outros atrativos como a televisão, o videogame, entre outros. (COELHO, 2000).

Segundo Baldi (2009, p. 8), os professores pesam na Literatura apenas com um fundo pedagógico, de vocabulário, ortografia, escrita, porém, a mesma autora coloca que “é necessário ampliarmos nossa visão para além da competência leitora e escritora e do próprio processo de letramento”.

E ainda complementa:

É preciso alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da Literatura como forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas. (BALDI, 2009, p. 8).

Segundo esse pensamento, podemos dizer que a Literatura torna-se um brinquedo para a criança da Educação Infantil e um dever para as Séries Iniciais. E por que isso vem acontecendo nas escolas? Por que professores não conseguem manter essa característica da Literatura formando leitores verdadeiros para a vida?

Um ponto a ser considerado, é que, de certa forma, infelizmente, a Educação Infantil ainda é vista como um espaço na vida da criança destinado apenas a cuidados físicos: lugar de “depósito” para pais poderem trabalhar.

Se essa condição da Educação Infantil mudasse, a Literatura seria arma indissolúvel para professores, como forma de arte, incutiria nas crianças o desejo de viajar, de vivenciar experiências, de sonhar, de realmente adquirir a forma de um brinquedo, que levaria para sua vida adulta sem medo de ser feliz. Porque afinal, o adulto também necessita de explorar, de viajar, de sonhar e a Literatura proporciona isso em qualquer fase da vida.

Na escola o desenvolvimento dessa experiência torna-se gesto concreto. Baldi (2009), nos diz que a Literatura na escola, em âmbito intelectual e emocional, torna o trabalho dos professores algo que, paralelamente, utilizar a Literatura como teoria e prática de desenvolvimento, desde que selecione textos literários com atenção e critérios definidos.

O professor é detentor do poder de transformar uma simples história em um texto literário, a partir da “fantasia” que indica na contação ou leitura a ser trabalhada. (MACIEL, 2010, p. 12).

Neste sentido, a Literatura se torna algo fundamental para a:

[...] formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também, os da sociedade a que pertence. (OLIVEIRA, 2010, p. 41).

Assim o trabalho do professor deve ser mais atencioso ao escolher os textos literários que irá ler aos seus alunos, pois além de fermentar a imaginação, auxiliar no desenvolvimento pedagógico, a Literatura ainda irá ajudar a formar o caráter dessa criança. Mas apesar desse poder formativo, a Literatura Infantil não pode ser apenas entendida como início de processos alfabéticos dentro da escola. Ela, mesmo que usada apenas como meio de distração, de maneira prazerosa, não pode ser entendida sem transmissão de conhecimento, pois atua em diversas áreas do conhecimento humano, não sendo exclusiva da escola, mas também contribui na formação de caráter.

Oliveira (2010, p. 43) ainda coloca que deve ser apresentado a criança “textos literários e não literários”, para que desde cedo ela saiba diferenciar os momentos sistemáticos de aprendizagem e os momentos de descontração que a leitura proporciona.

A Literatura deve ser pensada em vários âmbitos em seus

variados gêneros [...] projeto gráfico que vai da ilustração, a ambientalização, aos caracteres, ao estilo do desenho, a escolha das cores, ao formato, que dão ao conjunto da obra o caráter dialogal entre texto e imagem, tão importante para o desenvolvimento da educação estética da criança [...], beleza e arte, sensações e sentimentos, da criança. (MICHELETTI, 1990, apud OLIVEIRA, 2010, p. 45).

Para chamar a atenção da criança o professor deve buscar na Literatura estratégias diversificadas para que a leitura seja de verdade um prazer para a criança ou mesmo um momento pedagógico de aprendizagem. “A literatura, assim, não seria apenas o instrumento de uma possível expansão do domínio linguístico das crianças, como o hábito da leitura ou para escrever melhor, mas sua função seria a de propiciar novas possibilidades existenciais, sociais e educacionais.” (OLIVEIRA, 2010, p. 46).

A Literatura proporciona sensações, emoções e curiosidade não só nas crianças, nos adultos também. Dessa forma, o professor é um dos mais beneficiados pela Literatura. Por estar dentro da escola, com acesso a vários títulos, o professor tem em suas mãos um grande instrumento de transformação, que

modifica varias questões: pedagógicas ou não, que envolvem diversos temas que devem ser abordados na escola, que fazem parte do currículo, que fazem parte de uma educação moral em que a escola participa e que se bem aproveitada e debatida terá frutos em toda a sociedade.

Com essa oportunidade que o professor tem, surge também outra questão, de como o professor tem utilizado essa literatura, e mais, como foi para o professor, enquanto leitor a inserção no mundo literário.

Oliveira (2010, p. 51) diz que:

[...] a qualificação docente pode também não ter propiciado ao professor o contato com a literatura como forma de recuperar esse elo perdido na infância. Assim como mediador da leitura, cuja função seria a de provocar o contato das crianças com obras literárias, visando à sua formação e desenvolvimento como leitores proficientes, o professor não consegue usar estratégias para conseguir esse intento.

Seguindo esse raciocínio, Oliveira (2010), ainda coloca que se faz necessário repensar a formação do professor no âmbito da Literatura, que se torna, hoje, importante considerar a Literatura como um conteúdo importante e não “superficial”, pois assim possibilita uma ampliação de conhecimento importante para esse mesmo profissional utilizar da melhor forma a literatura na escola.

Dentro dessa problematização, durante os tempos, a Literatura Infantil acabou por se perder dentro da escola. O uso de textos literários foi substituído pelo uso de “trechos de jornais, receitas [...]” e outros, pensando apenas na instrução da dualidade leitura-escrita. (COSSON, 2010, p. 57).

Existe a necessidade de se criar um espaço próprio para a literatura na escola, um espaço significativo, uma ligação entre literatura e educação.

A escola necessita construir um ambiente mais leitor. Suas ações não podem ficar apenas na prática de uma leitura curricular. É necessário transformar essa leitura em algo que seja ampliado do contexto escolar, que atinja a comunidade como um todo. (LEAL; ALBUQUERQUE, 2010).

Essa inserção no mundo literário deve sim acontecer desde muito cedo e de diversas maneiras. Formar um leitor literário começa desde o ventre materno e se estende ao longo da vida. Porém é na escola que acontece a sistematização dessa

literatura, quando se encontram professores dispostos a compartilhar experiências, a ilustrar aulas e assim fazer com que a criança também aconteça nesse ambiente, que ela possa motivar-se a viajar no mundo da literatura e também se apropriar de conhecimentos de diversas áreas.

Dessa forma, o professor, principalmente o da educação Infantil deve considerar que:

[...] o texto literário tem uma função transformadora, pela possibilidade de as crianças viverem a alteridade, experimentarem sentimentos, caminharem em mundos distintos no tempo e no espaço em que vivem, imaginarem, interagirem com uma linguagem que muitas vezes sai do lugar-comum, que lhes permite conhecer novos arranjos e ordenações. (CORSINO, 2010 p. 184).

O professor deve então aproveitar esse espaço e esse tempo que a Literatura Infantil permite, pois ainda de acordo com Corsino (2010, p. 184), “a literatura é porta de entrada para o mundo letrado”. Então, mesmo que o professor considere a literatura apenas como arte ou então como recurso pedagógico, ele deve ter consciência que ela irá ajudar em todas as áreas, deve ser considerada um recurso artístico e pedagógico de todas as áreas do conhecimento.

Neste sentido a autora ainda considera que a formação de leitores se dá principalmente na escola, pois nela existem livros de qualidade e o acesso é fácil.

As relações entre a literatura, a escola e conseqüentemente os professores e alunos deve se manter forte, pois de acordo com Zilberman (1985, p. 21), essa relação é “formativa” em todas as horas e todos os tempos. A autora ainda traz um alerta:

[...] embora compartilhem uma função, literatura e escola não se identificam, se bem que aquela tenha sido o pretexto para justificar o uso da obra de arte ficcional em sala de aula com o intuito unicamente pedagógico; porém, aproxima os dois setores. E, se isto já representou a sujeição da arte ao ensino, pode-se investigar as possibilidades que oferece a contrapartida deste modelo, no qual a didática se submete às virtualidades cognitivas do texto literário. Noutra formulação, é o ultimo que poderá romper as barreiras entre a escola e a coletividade, reintroduzindo o estudante no presente e fazendo com que ele exerça um papel ativo neste processo de transferência. (ZILBERMAN, 1985, p. 22).

Com base nessa colocação, volta-se ao papel do professor. Ele é mediador entre o pedagógico e a arte. Cabe a ele a destreza na escolha dos textos literários. É dele a função de “aplicar critérios” nessa escolha, tendo em vista seus objetivos. E na Educação Infantil isso se dá com valor também, pois como em qualquer outra idade, a atenção do professor ao selecionar o texto deve atrair o aluno para um ambiente imaginativo.

A literatura é meio tão importante no desenvolvimento da criança, pois proporciona um espaço de aprendizagem no mundo da imaginação, pois a criança ainda não tem uma bagagem ampla de conhecimento e nesse sentido a literatura vem auxiliá-la na descoberta de novos conceitos, novas oportunidades de aprendizagens que estão envolvidas nas histórias, nos contos, fábulas, entre outras. (ZILBERMAN, 1985, p. 23).

Com base nisso, essa mesma autora fala especificamente do trabalho do professor com uma visão objetiva de função quando se trata de Literatura Infantil:

[...]. Portanto, não é atribuição do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente: se está a seu alcance a concretização, isto é, o domínio dos códigos que permitem a mecânica da leitura, é ainda tarefa sua o emergir do deciframento e compreensão do texto, através do estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio à trama ficcional. (ZILBERMAN, 1985, p. 25).

Considerando esse caráter da literatura, a autora deixa claro que “a função formadora” da literatura não é entendida como “missão pedagógica”, pois esta diz respeito ao “mundo e do próprio ser”. (ZILBERMAN, 1985, p. 25).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura Infantil sempre foi tema que chama a atenção de educadores e estudiosos da área. Porém ainda há muito que se refletir sobre isto de forma a contribuir para a qualidade e difusão da leitura na escola com prazer e diversão, tendo como resultado uma aprendizagem cultural cada vez maior.

Sem dúvida nenhuma, a Literatura ontem e hoje faz parte da educação, da condução e desenvolvimento humano. Não apenas por estar na escola, mas por estar diretamente ligada a pessoa.

Desde criança até a vida adulta, precisamos, primeiramente, de fantasia, de dar asas à imaginação e de aprender com experiências de outras pessoas. E a leitura proporciona tudo isso.

A leitura é parte anterior à alfabetização. Antes de conhecer as letras, decifrar os signos e interpretar textos, a criança já observa e lê as situações. O bebê lê o rosto da mãe quando ela se aproxima dele. Ele lê o cheiro dela. Quando está maior um pouquinho ele lê os espaços e seu próprio corpo.

Tudo isso acontece de forma natural e a escola deve aproveitar esses ensinamentos e continuar esse trabalho de leitura.

A leitura sempre deve ser um momento de prazer, mesmo que seja de algo científico. E quando criança ela deve continuar a ser estimulada a desenvolver sua imaginação enquanto lê sozinha ou quando ouve alguém ler para ela. Nesse momento o professor de educação infantil tem seu papel mais importante. Se ele como contador de histórias não encantar as crianças, ninguém mais o fará. Para isso, ele próprio tem que gostar da história, tem que aproveitar o momento para cativar e ganhar as crianças.

O que vemos em algumas escolas hoje é que apesar do grande acervo de literatura presente em suas bibliotecas e grandes projetos que as escolas participam, ainda existe aquele professor que escolhe a história aleatoriamente e conta a mesma sem antes ter lido e sem trazer nenhum chamamento para essa história, exige que os alunos fiquem estátuas enquanto ele deliberadamente faz a sua leitura.

Fazer a leitura simplesmente por ler não desperta no aluno o prazer de ler outro livro. O educador é sujeito ativo de mudança de postura com relação a atitudes

da criança de 4 e 5 anos. Ele é espelho e serve como modelo a ser seguido. Então se ele na frente do aluno pega um livro e manuseia de forma incorreta, joga no chão e diz que o livro é só um livro, o aluno irá dar a mesma importância reparada no professor.

Algumas escolas desenvolvem projetos de leitura e contação de histórias. Esses projetos variam de escola para escola, pois as mesmas tem autonomia para sua aplicação. Um projeto válido é o da “Leitura Semanal”, onde por quinze minutos a escola toda para ler. Todos os funcionários da escola têm esse momento para fazer a leitura individual, seja de um livro, de uma receita, do jornal entre outros. Com essa atitude a criança, mesmo a que não consegue ler ainda, percebe que a leitura é algo importante e presente em nossas vidas diariamente.

Outros professores se fazem valer de instrumentos que irão valorizar a história e chamar a atenção dos alunos. O uso de fantoches, cenários, bonecos e outros instrumentos que podem ser utilizados e transformados em personagens, ou até mesmo uma roupa diferente da habitual, chamam a atenção da criança e faz com que ela deseje que a leitura se estenda ou que aconteça todos os dias.

Com atitudes simples é possível continuar despertando nas crianças o prazer da leitura, o interesse pelo algo novo que muitas vezes um livro proporciona a quem o lê. Se em casa a responsabilidade da educação é dos pais, na escola a responsabilidade de formar leitores desde muito cedo, cabe sempre aos professores e educadores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosura e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais; uma proposta para formação de leitores de literatura**. Porto Alegre: Projeto, 2009.

BATISTA, Cleide Vitor Mussini; MORENO, Gilmara Lupion. Visão histórico-filosófica de infância, perspectiva de infância na contemporaneidade. In: ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan (Org.). **Educação Infantil: subsídios teóricos e práticas investigativas**. Londrina: CDI, 2005. p. 7-18.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/ SEF, 1998a. v.1.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/ SEF, 1998b. v.3.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil Contemporâneo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CORSINO, Patrícia. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura; ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Cap. 10, p. 183-204. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20).

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura; ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Cap. 3. p. 55-68. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20).

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FARIA, Anália Rodrigues. **O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Literatura e formação de leitores na escola. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura; ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Cap. 5., p. 89-106. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20).

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Educação, leitura e literatura: diálogos possíveis. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura; ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 9-22. (Coleção Explorando o Ensino v. 20).

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado, **A Educação pré-escolar: fundamentos e didática**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador das leituras literárias. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura; ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Cap. 2, p. 41-54. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20).

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura; ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20).

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). **Literatura e alfabetização; do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cênone, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4. ed. São Paulo: Global, 1985.